

CADERNOS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS

# Veresk

Веpeck



ISBN: 978-85-61990-38-1

Veresk, Vigotski era seu redator. O exemplar permaneceu, por décadas, guardado na biblioteca da Estatal Pública Baltikey-Schedrin, em Leningrado. O tema da revista era a arte e, na abertura do seu editorial, o redator justificou a escolha do nome:

Na capa das nossas páginas esvoaçantes escrevemos: veresk. Uma flor seca, desprezível; um mato selvagem, amargo e pobre; mas eternamente verde, tanto no inverno, como no verão. Cresce na terra e no pântano; cobre enormes planícies desertas e verdejantes nas montanhas, nos limites das nuvens. Para ser breve: na arte, agora, é assim, cai-lhe bem não os louros, mas o veresk. Pode parecer vazia e absurda a própria ideia de editar uma revista de arte na nossa época, onde a arte é pobre e extremamente imperceptível. Seria isso? Mas ela existe e não pode não existir!

Assim, como que procurando consolidar a parceria desenhada por Guita, decidiu-se realizar, em agosto de 2013, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, um encontro científico internacional, envolvendo a participação de estudiosos de universidades da Rússia, da Bielorrússia, da Alemanha e do Brasil. O objetivo maior do encontro era debater a trajetória histórica e a atualidade da teoria histórico-cultural de Vigotski.

Aconteceu, então, o I Veresk, idealizado pelos Professores Zoia Prestes (UFF) e Jader Janer Moreira Lopes (UFJF). Para sua realização o evento contou com a participação e colaboração de professores e estudantes de diferentes Universidades e instituições de ensino superior brasileiras (Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Juiz de Fora, FAE'EC – Três Rios, Universidade Federal do Mato Grosso, Centro Universitário de Brasília), com apoio da Universidade Estatal Russa de Humanidades (Rússia), da Universidade Siegen (Alemanha) e da CAPES. O seu coroamento, por sugestão de Elena Kravtsova, é a publicação desta revista que contém as principais conferências daquele encontro.

Infelizmente, Guita não está mais entre nós para participar desta parceria que ela desenhara.

Éis o primeiro número da revista Veresk, uma homenagem que fazemos a Lev Semionovitch Vigotski e Guita Lvovna Vigodskaja, fiel guardião dos arquivos de seu pai, porque o que um dia teve existência, existirá para sempre, de algum modo. Afinal, não é possível apagar as palavras.

# **GOMEL - A CIDADE DE L.S. VIGOTSKI**

## *Pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L.S. Vigotski*

Serguei Jerebtsov

Universidade Estatal F. Srokina de Gomel, Bielorrússia

Grande parte da breve vida de Lev Semionovich Vigotski está ligada à cidade de Gomel. Nessa cidade, ele cresceu e foi educado, recebeu sua instrução, começou a trabalhar e formou-se sua extraordinária personalidade de pensador, cientista e psicólogo. Em Gomel, foram escritas as suas primeiras obras *Psicologia pedagógica* e *Psicologia da arte*. O mistério do gênio de Vigotski ainda está para ser desvendado. Nós, cidadãos de Gomel, contudo, gostaríamos de pensar que o meio sociocultural e a própria cidade do início do século XX também contribuíram para a formação de Lev Semionovitch.

### **Sobre a cidade de Gomel**

A República da Bielorrússia é um país localizado no centro da Europa. Sua história como estado independente é nova (pouco mais de 20 anos), mas sua pré-história é extensa. Atualmente, cerca de 9,5 milhões de pessoas residem na Bielorrússia, que faz fronteira com a Rússia, ao norte, com Ucrânia, ao sul, Polônia, ao oeste e Lituânia e Letônia, ao noroeste.

Gomel é a segunda maior cidade da Bielorrússia (depois de Minsk); localiza-se no sudeste do país. No início de 2013, sua população era de 515,3 mil pessoas.

A cidade foi mencionada pela primeira vez em crônicas de 1142. Era chamada de Gomii e era propriedade do principado de Tchernigov. Durante séculos, Gomel, como toda a Bielorrússia, integrava outros diferentes estados. Em

mais plausível é de que o nome tenha se originado do pequeno rio local Gomiyuk. O brasão de Gomel carrega a imagem de um lince que é o símbolo da cidade.

No final do século 19 e no início do século 20, Gomel era uma cidade pequena, mas em pleno desenvolvimento. É possível ter uma noção aproximada disso pela dinâmica do crescimento da população: 1897 - 36,8 mil; 1913 - 104,5 mil; 1925 - 81,9 mil.

Segundo as lembranças de Semion Dobkin:

Gomel era uma cidade muito viva. Isso se explica (... dado) o seu rápido crescimento, porque se localizava na encruzilhada de duas estradas de ferro e ao lado de um rio navegável, o Soj, afluente do Dnieper. Por isso, a indústria, o comércio e manufaturas desenvolveram-se rapidamente em Gomel. A população da cidade também crescia velozmente, o que encheu o grau a tornou um dos centros regionais da Rússia e um dos centros das atividades revolucionárias.

Gomel era uma cidade bem agitada no começo do século 20, principalmente com o início da Primeira Guerra Mundial (1914). Os seus governantes se alteravam constantemente (com ocupação pelo Império Alemão, depois pelo Diretório de Simon Petliura, a revanche do Exército Vermelho e a revolta dos social-revolucionários, em 1918).

## A família Vigotski

Segundo memórias de Semion Dobkin:

A família dos Vigotski tinha oito crianças. Apesar de Semion Lvovitch (NT: pai de Lev Vigotski) ter tido uma família considerada muito grande para a época, ele ajudava bastante e de modo sistemático a família do seu irmão falecido. Fazia parte da configuração familiar de Semion Lvovitch o primo mais velho de Lev Semionovitch Vigotski, David Isaakovitch Vigodski. Os dois eram muito amigos e David Isaakovitch exerceu grande influência sobre Lev Semionovitch. Naquele tempo, qualquer pessoa minimamente culta que pensava para além de si mesma, buscava exercer alguma atividade social. Ao mesmo tempo,, não existiam muitas condições para tanto. Talvez por isso, cada pessoa procurava um modo especial, ou uma área onde pudesse fazer

uma atribuição. Virou presidente da seção de Gomel da Sociedade de Promoção da Instrução para Judeus da Rússia (...).

A residência dos Vigotski era muito interessante. A casa localizava-se na esquina das ruas Rumiantseva e Aptetchnaia (depois a primeira transformou-se em rua Sovetskaia e a Aptetchnaia, em Jarkovskaya) e foi construída à época dos Rumiantsev (N. F. Condes Rumiantsev construíram diversos prédios e um palácio, em Gomel; eram mecenas e colecionadores de artes). Um dos Rumiantsev chegou a residir naquela residência. O apartamento dos Vigotski ficava no segundo andar. Eram cinco quartos: dois grandes – sala de jantar e dormitório dos pais, outro menor, mas também espaçoso, onde moravam as três irmãs mais velhas, e dois compridos e estreitos, sendo um das duas irmãs mais novas e outro, dos três filhos, entre eles Lev Semionovitch (...).

Havia uma varanda que dava para a rua Rumiantseva e para o bulevar. A vista para o bulevar verde era bastante agradável e, por isso, as crianças sempre tinham o prazer de ficarem ali sentadas. Em baixo, no primeiro andar, sob a varanda, havia uma marquise de pedra, com bancos antigos de ferro. Depois de crescermos, passamos a ficar sentados nesses bancos de ferro (...)

Todos os membros daquela família nutriam interesse comum por línguas, história, literatura, arte dramática e belas artes.

Em 1919, o irmão mais novo de Lev Vigotski, também chamado David, faleceu de tuberculose. Na época, Lev Semionovitch presenteou sua mãe com um livro de contos de Ivan Bunin, com a seguinte inscrição (citação de B. Zaitsev): “Dias seguem os dias, de um abismo enevoado a outro. Neles residimos. E os que se foram, residem lá conosco”.

## **Ginásio de Ratner**

Desde a infância, Vigotski lia compulsivamente autores como Thomas Mayne-Reid e Fenimore Cooper, interessava-se por teatro, por clássicos russos e estrangeiros, principalmente pela poesia de Puchkin, Blok e Tiutchev. Quanto à prosa, inspirava-se mais nas obras de Tolstoi e Dostoievski. O seu preferido, durante toda a vida, foi Hamlet, de W. Shakespeare.

Vigotski recebeu a educação primária em casa, apreendendo o programa da primeira à quinta série do ginásio sob os auspícios de Solomon Markovitch Ashpiz (1876-194?), uma pessoa brilhante e altamente culta (desde a primeira metade de 1890, Solomon lecionara em clubes de trabalhadores de Gomel e,

o retornar do exílio, em 1905, fez parte do comitê regional do Partido Operário Social-Democrata Russo de Gomel (POSDR), tendo sido responsável pela propagação e liderado uma unidade de combate). Ele utilizou métodos de instrução variados e pouco convencionais. Dentre eles, dava preferência ao método do diálogo socrático. Solomon Markovitch desenvolvia um trabalho pedagógico especial. Somente as crianças consideradas mais capazes eram-lhe encaminhadas para que desenvolvesse ainda mais suas aptidões. Suas aulas transcorriam no modo que se segue. Primeiramente, explicava algo – a meia voz, lentamente. Sempre era muito interessante ouvir o que contava. Depois chegava a vez do aluno. Era preciso responder às perguntas feitas na aula anterior. Solomon Markovitch ouvia sem interromper, de olhos fechados. Às vezes parecia que estava cochilando, mas era só aparência. Assim que o aluno terminava a exposição, levantava os olhos e fazia duas ou três perguntas referentes a alguma inconsistência no discurso que ouvira. Vale notar que as perguntas eram feitas de forma a fazer o aluno pensar e relacionar a aula à sua vida e aos conhecimentos já adquiridos. Imediatamente, tornava-se claro para o aluno, praticamente sem a ajuda de Solomon Markovitch, onde residia o problema.

Em 1911, Vigotski prestou com sucesso provas à distância para a quinta série e se matriculou na sexta série do ginásio masculino particular de Ratri. Ali, Lev Semionovitch por iniciativa própria, estudou francês e inglês, bem como filosofia, sua matéria preferida. Naquele ginásio, aos 15 anos de idade, fundou o clube de estudo de história. A abordagem histórica referente a qualquer problema era característica do seu pensamento. Nas atividades do clube isso se revelava de forma clara. A abordagem dialética e histórica que manteve durante toda a vida já se manifestava brilhantemente naquela época.

Após concluir o ginásio com distinção em 1913, Lev Semionovitch ingressou na Universidade de Moscou. Conquistou o assim chamado “bilhete premiado” – uma espécie de passaporte para a vida. Na Rússia pré-revolucionária, existiam cotas pelas quais as universidades admitiam no máximo três ou quatro por cento de egressos de famílias judaicas. Essa cota era sorteada somente entre os formandos de ginásios que concluíam os estudos com medalha de ouro. Todavia, isso não os liberava dos exames adimensionais. Com 17 anos, literal e metaforicamente, Vigotski ganhou

## O primo David Isaakovitch Vigodski(1893-1943)

Após a conclusão do ginásio com medalha de ouro em Gomel (1912), David seguiu os estudos na Faculdade de História e Filologia da Universidade de Petersburgo. No jornal *Polesie*, de Gomel, manteve uma coluna permanente denominada *Cartas de Petrogrado*. Após conclusão da Universidade, retornou à Gomel e, em 1922, lançou uma coletânea de poesias intitulada *Terra*.

Algumas de suas obras foram publicadas no *Veresk*. Em 1922, mudou-se para Petrograd, onde realizou trabalhos de tradução na seção de literatura estrangeira do *Gosizdat*<sup>2</sup>.

A partir de 1934, David foi redator-chefe na editora *Literatura de ficção*.

Em 1929, publicou o livro *Literatura espanhola e da América Latina*. Entre 1920 e 1930, traduziu cerca de 20 romances de escritores franceses, espanhóis, alemães e latino-americanos.

## O estudante Lev Vigotski

Enquanto estudava em Moscou, cursando duas Universidades concomitantemente e trabalhando como secretário técnico na editora *Novi put* (*Caminho novo*), Lev Semionovitch visitava Gomel nas férias, às vezes, permanecendo após o fim das mesmas, escrevendo artigos que publicou em jornais da cidade.

Em dezembro de 1917, retornou a Gomel para se juntar à família durante uma época difícil e conturbada...

Logo após a morte do irmão David e da doença da mãe, descobriu também estar com tuberculose. Em 1920, a doença entrou em fase aguda e sua condição de saúde era bastante séria. Por meio de seu amigo, Semion Dobkin, pede ao seu professor e doutor da Universidade Popular de Chaniavski, I. Arhenvald, que publique suas obras postumamente (antes de tudo, se referia à monografia *Tragédia de Hamlet*).

## Vigotski em Gomel: principais etapas do desenvolvimento da sua obra (1897-1924)

- Convívio com os parentes e estudo em casa com S. M. Ashpiz;
- Instrução recebida no ginásio de Ratner;
- Interesse por literatura e artes;
- Estudo de idiomas;
- Direção do clube de estudos de história no ginásio;
- Artigos de crítica literária e teatral;
- Instrução recebida na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, em Moscou;
- Monografia *Tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca, de W. Shakespeare*;
- Doença e morte dos irmãos (1918-1919);
- Vigotski adoece;
- Abertura da editora *Séculos e Dias*;
- Direção da subseção de teatro do Departamento de Educação de Gomel;
- Direção da seção de publicações da editora *Gompetchat*;
- Publicação da revista *Veresk*;
- Atividade pedagógica;
- Abertura do Laboratório Experimental de Psicologia;
- Desenvolvimento das obras *Psicologia Pedagógica*, *Psicologia da Arte* e outras;
- Participação no II Congresso de Psiconeurologia da Rússia, em Petrogrado.

Apesar de ter sido um dos participantes mais ativos da vida cultural de Gomel pós-revolucionária, a distância entre o desejável e o possível era muito grande. Em Moscou, em 1924, Vigotski encontrou a sua vocação principal, o espaço para a sua realização, bem como o meio intelectual propício. Lá, ele se transformou naquele que nós conhecemos e valorizamos hoje.



## ...Obrigado por estar vivo

Tanto na arte quanto na vida e na análise psicológica e científica da situação, Lev Semionovitch gostava dos símbolos que carregam mais de um sentido. Suas últimas palavras foram: “Estou pronto”.

Trinta e sete anos é o limite para muitos gênios. Seria esta, talvez, uma especificação de âmbito temporal para aqueles que vivem nos limites das possibilidades? Seria este, talvez, um padrão temporal para figuras *passionárias*?

De Rafael a Puchkin,

De Lorca a Maiakovski

A idade dos gênios trinta e sete.

L. Ozerov

Na cifra 37, num instante, fico sóbrio,

Como agora, passou um vento frio:

Essa cifra que Puchkin descobriu o seu duelo,

E Maiakovski deitou a tampa no cano.

Vamos nos deter na cifra 37!

V. Visotski

## Memória de L.S. Vigotski na Bielorrússia

- Em 2004, na cidade de Minsk, a rua Iubileinaia foi renomeada rua Vigotski.
- Em 1996, na cidade de Gomel, a Faculdade Técnica de Pedagogia recebeu o nome de L. S. Vigotski. O prédio dessa instituição recebeu uma placa memorial.
- A comissão de toponímia do comitê executivo de Gomel, em 25.11.2010, tomou a decisão de chamar uma das ruas do novo bairro em construção de L. S. Vigotski.
- No pavilhão de honra do Palácio Rumiantsev-Paskevitch está exposto

za Conferências Internacionais sobre L. S. Vigotski e a psicologia histórico-cultural contemporânea.

- O Departamento de Psicologia da Universidade Estatal de Gomel:
  - criou um laboratório de pesquisa científica sobre a Psicologia histórico-cultural;
  - realiza projeto com voluntários para pesquisa dos documentos e arquivos relacionados a L. S. Vigotski;
  - realiza concursos de trabalhos de pesquisa de estudantes no âmbito da Psicologia histórico-cultural;
  - aprovou o tema Vivências na dinâmica da situação social do desenvolvimento da personalidade no âmbito das atividades de pesquisa científica.
- Existem várias publicações sobre L. S. Vigotski na imprensa local de Gomel.
- No entanto, o mais importante para guardar a memória de Vigotski sempre será o conhecimento e a continuação do seu legado científico nas atividades pedagógicas e da Psicologia, bem como na realização de pesquisas.

### **Pesquisas bielorrussas na área de instrução no contexto da teoria histórico-cultural.**

Após L. S. Vigotski, a Psicologia, em geral, e a Psicologia histórico-cultural, em particular, se estruturaram nas seguintes instituições:

- Universidade Estatal da Bielorrússia;
- Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorrússia;
- Filial bielorrussa do Instituto de Pesquisa Científica de Estética Técnica da União Soviética;
- Universidade Estatal de Linguística de Minsk;
- Instituto Nacional de Educação;
- Universidade Estatal de Gomel.

## **Em busca de uma teoria histórico-cultural das vivências e o problema de promoção do desenvolvimento da personalidade**

Um dos feitos da teoria de Vigotski é a generalização de muitos fenômenos psicológicos traduzidos no conceito de *vivência* (*perejivanie*). A utilização desse conceito leva a um entendimento especial do homem e do seu desenvolvimento. Conforme diz James Gibson e Eugene Gendlin, respectivamente,

A psicologia, ao menos a americana, representa em si uma disciplina de segunda categoria. O principal motivo disso reside no fato de ela não reverenciar o seu objeto. Os psicólogos têm pouco respeito pela psicologia. A psicoterapia somente traz resultados se ela for enraizada no processo de vivência.

O desenvolvimento do conceito *vivência* e a atribuição a este conceito de um status de categoria no sistema da psicologia estão relacionados à necessidade de compreensão teórica dos fenômenos da existência da personalidade, que não podem ser estudados das posições da psicologia positivista, por um lado, e tampouco não podem ser conceituados por meio da filosofia, culturologia e outras ciências contíguas. A sua importância prática consiste na possibilidade de uma ampla aplicação das formulações teóricas sobre as vivências da personalidade na realização da promoção psicológica e de outras práticas sociais (educação, medicina, economia, política e etc.).

### **Por que psicologia histórico-cultural?**

*As posições a respeito de vivências “antes”, “durante” e “depois” de Vigotski.*

Sabemos que muitas considerações importantes sobre vivências da personalidade foram formuladas por L.S. Vigotski. Antes dele, W. Dilthey, em sua Psicologia descritiva, postulava a existência de duas psicologias e definiu as vivências como objeto de estudo da psicologia descritiva. Vale também mencionar B. Espinosa, cujo entendimento sobre os afetos foi discutido de modo ativo por L. S. Vigotski, bem como as ideias esparsas sobre vivências (expressas em outra terminologia, é claro) de muitas e muitas gerações de pensadores, começando na

... do século XX, as vivências foram

nológica (fenomenologia de E. Husserl; C. Rogers e a vivência pelo homem de sua axiologia, sua percepção de uma vida valorosa, vivências nas condições de uma psicoterapia centrada no cliente; M. Heidegger, M. Boss, L. Binswanger, V. Frankl, A. Lengle e análise psicologia existencial). Depois, houve um movimento, de certo modo isolado, com o nome condicional de “tradição dialógica na psicologia” (M. M. Bakhtin: a existência expressiva e falante como objeto das ciências humanas; sua concepção de diálogo e a importância deste para a psicologia das vivências; vivências como diálogo interno, como “um rastro do sentido na existência”, estrutura polifônica da consciência, diálogo como tipo de existência). Também houve A.F. Losev e a teoria sobre o mito; a vivência do homem como experiência de si mesmo (esfera do mito como esfera de sentidos vivenciados); vivência como definição da correspondência semântica entre consciência e existência (F. Vasiliuk).

#### *Concepções de L.S. Vigotski sobre vivências.*

Vale considerar a dinâmica das visões de Vigotski acerca das manifestações superiores do psiquismo, inclusive, na consciência da personalidade. Se, no começo do seu caminho de cientista e psicólogo em *Psicologia pedagógica*, ele caracterizava a consciência como reflexo dos reflexos, mais tarde, ele passou a falar sobre a consciência como um sistema semântico dinâmico. E mais. A psiquê não seria reflexo do mundo objetivo (teoria do reflexo, de Lenin). Ela garantiria a percepção ativa dos estímulos e dos acontecimentos do mundo à nossa volta, necessária para a satisfação das necessidades do organismo e de sua sobrevivência.

Estruturando um pouco as considerações de Vigotski sobre as vivências, é possível destacar quatro pontos-chave:

1) *As vivências se manifestam na qualidade de principal característica da interação social de desenvolvimento; elas refletem a unidade do “interno” e do “externo” no desenvolvimento.* As vivências como que revelam, usando as palavras de M. Cole, “a relação entre aquilo o que está contido na cabeça e aquilo em que consiste a cabeça”.

2) *As vivências são a unidade afeto-intelecto.* Não seria correto encará-las como manifestação exclusiva da esfera emocional, no que insistem muitos au-

tores (V.P. Iliin, A.V. Petrovski, M. G. Iaroshevski). E é verdade, o que são as vivências de uma pessoa sem a sua reflexão, sem a análise racional da situação de vida? As vivências possibilitam superar a separação entre a razão e os sentimentos, elas orientam o psicólogo para a realidade e a importância da experiência sem mediadores. Na vivência, há espaço para o entrelaçamento das linhas de desenvolvimento natural (necessidade, afeto) e cultural (reflexão fundamentada em conceitos).

3) *as vivências são uma unidade (indicador integrativo) de análise da consciência e do desenvolvimento da personalidade*, ou seja, com ajuda do conceito de vivência L.S. Vigotski tenta entender as mudanças da personalidade como uma unidade completa. A vivência aparece como um perfil da regulação da atividade de vida. Nela estão apresentados todos os seus componentes. A participação de diversos processos intrapsíquicos no funcionamento da vivência é explicada por E.E. Vasiliuk, quando parafraseia uma metáfora “teatral” de S. Freud: toda a trupe de funções psíquicas geralmente atua nos “espetáculos” da vivência, mas cada vez uma delas pode desempenhar o papel principal, tomando para si a maior parte do trabalho de vivenciar. Este papel, muitas vezes, é desempenhado por processos emocionais, a percepção, o pensamento, a atenção e outras funções psíquicas.

4) *a vivência leva ao desenvolvimento da personalidade; é o fator e, ao mesmo tempo, a condição interna de uma neoformação*. L.S. Vigotski diz que o desenvolvimento etário pode ser representado como história de vivências da personalidade em formação. As vivências são indicadores de diversas etapas da história da formação da personalidade. Quanto mais nova for a criança observada, mais indiferenciadas e menos conscientes serão as suas vivências. Uma pessoa adulta é capaz de tomar consciência de uma ampla parte do seu mundo interno, mas o alto nível de diferenciação das vivências torna essa tarefa complexa. É necessário um esforço pessoal para que possa se apoiar nos recursos existentes (formações antigas - antônimo de neoformação) e, ao mesmo tempo, negá-los, o que leva à neoformações.

Ao refletir sobre a possibilidade de aplicar a abordagem histórico-cultural às vivências, devemos apontar para algumas considerações da psicologia histórico-cultural. As seguintes posições não foram formuladas de modo claro e

- Immediatismo e mediação das vivências;
- Utilização do método genético no estudo das vivências;
- A historicidade das vivências, determinação e instrumentalização sociocultural das vivências;
- Vivência como processo de auto-organização, caminho ascendente para a individualidade.

Desse modo, a psicologia histórico-cultural possui um arsenal adequado de conceitos e de afirmações teóricas, que formam um enorme potencial de estudo psicológico da vivência da personalidade, o que a destaca de modo vantajoso de outras concepções teóricas contemporâneas.

### **A psicologia histórico-cultural da vivência, em relação à Cila do positivismo e a Caríbdis da fenomenologia**

A análise das vivências não pode ser deparar puramente “técnico” (que é o apelo do positivismo: medir tudo passível de ser medido e aprender a medir tudo que não é medido). Para o positivismo é importante aprender a prever o comportamento e a controlar outras pessoas (por isso, ele desumaniza o homem e a sociedade). Quem quer pensar sobre si mesmo na qualidade de uma pessoa fácil de manipular? O homem possui o livre arbítrio que está relacionado com a atividade semântica. Nesse ponto, não que há uma vivência como transformação de sentidos, toda a causalidade e determinismo se desmoronam. Para o positivismo é importante saber, por exemplo, a quantos centímetros uma pessoa pulará se tomar um beliscão.

Da mesma forma, o estudo das vivências não pode ser exclusivamente descritivo. Os pesquisadores adotam com frequência umas dessas duas posições opostas. Opõem pela abordagem mecanicista ou pela abordagem fenomenológica. Vemos que há um terceiro caminho na utilização da abordagem histórico-cultural para o estudo das vivências, o que possibilita enxergar os fenômenos da existência humana no processo de evolução do sistema que os gera. Nesse sentido, a essência das vivências se revela no seu processo de desenvolvimento histórico-cultural (Hegel: sob cada túmulo está enterrada a história da humanidade). A psicologia histórico-cultural reúne três tipos de conhecimento psicológico: conhecimento objetivo, conhecimento metodológico e conhecimento histórico (Rogovin, Zalevski).

Pode-se ter a impressão de que o conhecimento sobre as vivências em si

tua somente no nível do conhecimento objetivo. Mas, sem ter consciência do processo e dos modos de obtenção desse conhecimento objetivo, sem entender que esse processo e esses meios possuem um caráter concreto e histórico, e que sempre está em alteração, é impossível discutir de modo sério o próprio objeto de estudo. Ou seja, tanto o conhecimento metodológico, quanto o histórico se manifestam como partes necessárias do conhecimento psicológico.

A psicologia histórico-cultural é uma teoria relacionada, sem dúvida, ao paradigma das ciências humanas do conhecimento psicológico. O objeto das ciências humanas não é dado que precisa ser quantificado, mas são as relações significantes que devem ser interpretadas com ajuda dos órgãos culturais e conceitos científicos, antes de tudo.

Desenvolvemos e ampliamos o conteúdo semântico do conceito *Psicologia histórico-cultural*, incluindo nele uma multiplicidade de abordagens e paradigmas de estudo da vida psicológica conhecida pela história. Assim, o nome *histórico-cultural* pode condizer de modo mais satisfatório ao seu conteúdo, já que nele será iluminado não somente um ou outro fenômeno psicológico numa dinâmica histórica (gênese da memória, do comportamento consciente), mas também a multiplicidade de abordagens para o estudo desse fenômeno, avaliada num contexto sociocultural concreto, bem como as posições de outros contextos socioculturais.

A abordagem histórico-cultural ao estudo das vivências não é só uma questão de utilizar técnicas, métodos e metodologias específicas (apesar disso também representar grande valor científico e prático), mas antes de tudo uma questão de visão de mundo pelo psicólogo, da sua compreensão metodológica das realidades psicológicas, intrinsecamente ligada ao seu desenvolvimento profissional e pessoal, que possibilite perceber e trabalhar corretamente com o psicológico, com “o mais elevado e perfeito” (Aristóteles) no homem. Se tomadas em separado da cultura e da história, a essência e a fenomenologia das vivências se tornam simplificadas, unilaterais, empobrecidas, rasas.

### **Essência das vivências**

*Vivências são o processo de formação pela personalidade da sua relação com as situações da vida, a existência em geral com base nas formas e valores simbólicos*

*... e a existência em geral com base nas formas e valores simbólicos*

## Ideais das vivências da personalidade e os aspectos de aplicabilidade da teoria histórico-cultural das vivências da personalidade

A afirmação aforística de Vigotski de que um passo na instrução pode significar cem passos no desenvolvimento também fala sobre o enriquecimento das possibilidades do homem não só no plano da sua intervenção no meio ambiente objetivo e material, mas também no plano da vida psicológica interior, que se erige fundamentada em artefatos socioculturais (dos instrumentos, dos signos como instrumentos, dos conceitos como palavras, dos sentidos como conceitos vivenciados). A partir dos afetos e imagens (*obraz*) espontâneos que prevalecem no homem (durante o processo de ampliação e de alteração qualitativa dos instrumentos psicológicos), ele passa ao domínio das vivências. O aperfeiçoamento do controle se torna dependente do desenvolvimento dos instrumentos psicológicos. Com o surgimento do sujeito (personalidade), a fenomenologia interna adquire as características da vivência. Não só o dado imediato, não só as situações particulares, mas todo o espaço da vida da personalidade e até mesmo o espaço de vida da humanidade se torna a “base” de vivências de uma pessoa culturalmente desenvolvida.

A zona de desenvolvimento iminente elabora as condições, os instrumentos, o espaço semântico para a vivência de um novo *eu*. Em atividade conjunta, na cooperação, na *co-existência*, e em *con-vivência*, nasce o novo *Eu*. E esse novo *Eu* exige vivências para a elaboração de determinações, adaptações para o *Eu* renovado. Em relação a isso, N. Zabolotski declarou de modo certo: “Eu somente sou um certo instante de existência de terceiros”. Ou seja, a vivência realiza uma função *constitutiva* (que dá a luz, que projeta, que desenvolve) e uma função de *adaptação*. A dialética da construção do novo, por um lado, e da adaptação, por outro, aponta para a *necessidade* das vivências, para a condição de um desequilíbrio dinâmico, para essa inquietude permanente do homem, que é consequência do eterno despreparo da existência” (M. M. Bakhtin). Objetivos concretos, capacidades, conhecimentos, possibilidades relacionadas à zona de desenvolvimento iminente são alcançados e aprendidos pelo homem, passam a ser seu patrimônio, sua experiência de vida acumulada, mas essa zona é inatingível como a linha do



horizonte. A personalidade não é um arquivo. A aquisição do novo, durante o desenvolvimento da personalidade, só é possível por meio da transformação, por meio da reconstrução, por meio da morte do antigo. Não por acaso que Vigotski citava as palavras: “Viver significa morrer” (F. Engels). Nessa relação, vale recorrer ao sentido literal da palavra *pere-jivat*, ou seja, passar por meio da vida, estar em caminho permanente, em busca, sempre morrer e nascer, estar no processo de reformulação de si mesmo, no fluxo da vida. Ao contrário, se não vivenciar – *perejit*, isso significa não viver. M. K. Mamardachvili dizia que o homem é o único ser no mundo que se encontra em permanente estado de renascimento, apesar de, com mais frequência, passar, segundo o mesmo Mamardachvili, como ranqueado de guerra longe deles mesmos. A responsabilidade por esse longe de nós mesmos é, antes de tudo, do sujeito de desenvolvimento, mas também da cultura.

As vivências são as relações com outros, redzidas ao plano interno. Ou, para ser mais exato, sistemas desses relacionamentos. Diferentes mundos sociais, diferentes culturas constituem diferentes sistemas de vivência. Assim como um recém-nascido desenvolve somente alguns movimentos de muitos possíveis movimentos caóticos, aqueles que permitem obter o desejado e que são incentivados pelos pais, as vivências de muitos possíveis movimentos da alma ganham existência num determinado espaço socio-cultural e com referência a esse meio. A riqueza da cultura é a condição da possibilidade do desenvolvimento. Será capaz o homem, na zona de desenvolvimento iminente da própria personalidade, de visualizar e se apoiar nos valores morais, nas formas artísticas superiores, nos sentidos espirituais que não sejam alienantes e que conduzam à originalidade das vivências? Conseguirá com os frutos das suas vivências originais enriquecer a cultura? Nesse exemplo fica clara a caracterização da personalidade como drama em Vigotski.

A polarização de antinomias permite compreendê-las de modo mais preciso. A ideia dos existencialistas acerca do surgimento de uma qualidade especial na vida tendo como fundo a consciência da morte recebe uma interpretação um pouco diferente e mais profunda na teoria extremamente dialética de Vigotski.

Um homem que vivência, que busca a vida, que colhe para o potencial da zona de desenvolvimento iminente e, assim, amplia-a não só recebe uma certa neoformação, mas dá vida a certas potencialidades da personalidade por meio da morte de outras. Ou seja, a vida e a morte caminham de mãos dadas. Dessa forma, justamente o desenvolvimento da personalidade leva o homem a uma posi-

ção existencial de tensão, enquanto a negação do desenvolvimento, a negação das vivências é o funcionamento biológico primitivo, é a morte psicológica, quando o "modo factual" da existência supera o "modo possível" da existência.

Todos aqueles que escreveram sobre Vigotski ou falaram dele caracterizaram-no como uma pessoa que amava a vida, como um homem extremamente alegre, que não ligava para problemas do cotidiano. Parece-me que esse amor pela vida estava condicionado à sua vontade de sempre se superar, e não só à sua longa e te- sa vivência da tuberculose e das previsões desanimadoras. A situação existencial dramática de Vigotski, o desejo de viver no limite do possível tem como causa a sua vivência de todas as novidades na psicologia e na cultura por sua própria personalidade. Como uma pessoa que buscava intensamente o novo, ele observou a constante morte de "antigas-formações" e o nascimento de novas realidades semânticas que formavam a sua zona de desenvolvimento iminente e estavam relacionadas à zona de desenvolvimento muito promissor para muitos de seus contemporâneos.

Portanto, o ideal da vivência é o grau da ontogênese da personalidade: o que exatamente aqui deve ser considerado? Antes de tudo, a reflexão das vivências, a sua consciência, o conteúdo moral e o caráter do sentido semântico e de valores a serem seguidos.

É durante a atividade da vivência que surgem novos sentidos em muitos dos diálogos interiorizados. A personalidade se desenvolve com as suas próprias vivências. E para todas as práticas relacionadas à ontogênese da personalidade, com as quais se relacionam a instrução e a educação, o tratamento psicológico, a psicoterapia, etc., é importante a criação de relações dialógicas, de parceria, pois *essas relações são bautadas pela vivência intencional do sujeito em desenvolvimento* e não por aquilo que pensou o pedagogo ou mesmo aquilo que está no programa de estudos.

Cooperação e condição de surgimento de neoformações. A criança com um Outro (adulto com quem convive e participa) faz aquilo que não pode fazer sozinha.

É possível perceber uma semelhança, certamente não casual, entre a consideração da zona de desenvolvimento iminente na atividade pedagógica e a técnica de ajustamento na psicoterapia, em consultas psicológicas. O ajustamento é a tentativa de considerar não só o estado psicológico atual do cliente, mas também analisar o nível do seu desenvolvimento pessoal, do amadurecimento psicológico, o caráter das suas vivências atuais e desejáveis. A consideração da ideia da zona de desenvolvimento iminente direciona o pedagogo, o psicólogo ou os pais

no sentido da importância da compreensão, também importante no desenvolvimento da personalidade. “Compreensão, reconhecimento, reconhecimento de uma pessoa na criança (e não de um animal exótico, de um ser biológico) – essa é a maior contribuição do adulto para o desenvolvimento...” (Zintchenko, 1997). Dar atenção às vivências durante a cooperação dialógica é a melhor forma de desenvolver a subjetividade da personalidade, de buscar a autorrealização das potencialidades criativas, pois assim a pessoa se sente autêntica, se aceita e pode de modo responsável e sem medo controlar seu comportamento e contar consigo mesma. Recorrendo à metáfora teatral de Vigotski sobre o fato de toda função psicológica aparecer no cenário duas vezes, deve-se constatar que as relações dialógicas de parceria com outras pessoas, hoje, são as relações construtivas do homem consigo mesmo no futuro, suas vivências de ontogênese da personalidade.

Cada idade forma seu repertório de instrumentos, o espaço semântico e os limites das vivências possíveis. Com o tempo, as vivências, mantendo o mesmo invólucro, perdem seu sentido interno. Cabeja a vivências passam a ser outras e para essas outras vivências nascem novas formas. Vivência é a unidade do sentido e da forma de sua realização (modo de expressão). E se Vigotski apontava para o fato de o pensamento não ser simplesmente transmitido pela palavra, mas que o pensamento nasce na palavra, então, em relação ao nosso caso, torna-se necessário notar que a vivência nasce no seu meio de expressão, porque *vivência é uma espécie de mensagem* (primeiramente, para o outro e, depois, para si como um outro). Mas os sentidos das formas não são casuais em relação a uma pessoa concreta. Para estimular o desenvolvimento da personalidade, eles devem estar ligados à zona de desenvolvimento iminente. A zona de desenvolvimento iminente abre possibilidades para a construção de mundos novos, para a vivência de uma nova realidade. Aqui, fica clara a característica dada por Vigotski à personalidade de como um sistema semântico dinâmico.

## **Mundo da personalidade como mundo cultural**

*O homem tem dois mundos:  
Um é aquele que nos criou,  
O outro, é o que nós criamos desde sempre,  
Na medida das nossas forças.*

Desse modo, o estudo histórico-cultural da vivência possibilita a formulação de algumas teses:

- A vivência somente é possível com ajuda de instrumentos culturais;
- Os instrumentos culturais são órgãos funcionais da vivência;
- Diferentes mundos sociais, culturas, constituem diferentes sistemas de vivências;
- O desenvolvimento da personalidade é o enraizamento (interiorização) dos órgãos de vivência, entendimento e controle de comportamento;
- Órgão funcional = Neoformação da personalidade;
- Novos órgãos abrem um mundo novo e nesse mundo novo o homem conhece a si mesmo na qualidade de um novo EU;
- Diálogo é um espaço interpessoal, o meio para cultivo de órgãos funcionais de vivência;
- O próprio diálogo também é um órgão funcional, **órgão funcional do pai, pedagogo, psicólogo**. Suas características são: atenção, cuidado, empatia, confiança e crença no homem, no seu potencial de desenvolvimento, predisposição dos seus sujeitos para a exploração, capacidade interpretativa...

Não se trata somente de método ou técnica de instrução ou ajuda psicológica, mas do fato de as relações dialógicas de personalidades que convivem serem uma condição chave para o suporte do desenvolvimento da personalidade.

Assim, o diálogo permite criar: co-presença, a-con-tecimento, co-ação, co-laboração, con-paixão, con-vivência, conforme aponta Dgendlin:

A presença de outra pessoa, pronta para dividir tudo o que possa surgir no processo de psicoterapia, que suscita sentimentos de segurança e estabilidade um dos mais potentes fatores positivos.

O pedagogo, pai e psicólogo, graças ao dialogismo das relações, dialogismo da consciência, é capaz de se libertar e de libertar a pessoa do ditado das normas sociais e das visões de mundo estabelecidas. No diálogo, as vivências se TRANSFORMAM, se tornam outras.

O fato de ser algo fixo, a repetição da vivência, aponta para o significado do valor que está sendo ameaçado, que é deficitário.

A vivência tem forma, tem conteúdo.

Existe ritmo da vivência, uma melodia da vivência.

Há também transformação das vivências – transformações do homem (metamorfoses, em Vigotski).

Colaboração pedagógica e psicológica como aventura, como brincadeira.

Vivência é uma brincadeira.

Vigotski gostava de declamar aos seus amigos essas estrofes de Lenokenti Annenski:

Quando o crepúsculo vaga pela casa,  
Nunca lhes parece, às vezes,  
Aqui mesmo do lado, há um outro meio,  
Onde vivemos de maneira bem  
diferente:  
Ainda a sombra se confluía suavemente  
com a outra,  
Lá existe um minuto assim,  
Que com os raios de olhos invisíveis,  
Saímos parece de um para dentro do  
outro.

Aqui, observamos a transformação encenada da realidade, a possibilidade dessa transformação. *A vivência da realidade como algo único possível cede lugar à vivência como uma transformação maravilhosa.*

A vivência é um malagre, pois no seu processo algo se transforma em outra coisa. Um tipo de formas e sentidos da vida se transforma em outros. Às vezes, de forma lenta (períodos latentes). Outras vezes, as transformações têm um caráter explosivo (situação de desenvolvimento ontogênico da personalidade, períodos críticos).

Um dos versos preferidos de L.S. Vigotski:

*Por mais que a vida nos ensine,  
O coração crê em milagres:  
Há uma força inesgotável  
Há beleza incorruptível,  
E o murchar terrestre  
Das flores não tocará as não terrestres,  
E o orvalho nelas não secará  
Do calor do meio dia.*

*Aqueles que somente dela vivem,  
Nem tudo que aqui floriu murchará,  
Nem tudo que aqui esteve, passará!*

*E. L. Titcher*

Vem à memória palavras célebres sobre a cultura. Cultura é aquilo que sobra quando tudo está esquecido. É possível se esquecer dos fatos, das normas, de situações diversas, mas os coágulos espirituais permanecem. Permanece o sentido condensado que torna o homem Homem. Esse sentido está contido nas vivências dos maiores valores da existência, que permanecem quando avaliamos a vida em contextos mais amplos, contexto da eternidade e infinito, no contexto da forma ideal, eternamente buscada pela arte como vanguarda da cultura.

Para que a vivência se dê, é necessário o outro, possuído, de órgãos de vivência e órgãos de trabalho com vivência. Precisa-se de ALGUÉM (PARA QUEM) que vivencie (natureza sócio-psicológica e ontologia das vivências).

Vivência dá luz ao sentido.

Criação de sentidos é uma prática espiritual.

Vivência é um meio de espiritualidade da vida.

Em uma personalidade cultural produtiva, as emoções se elevam ao nível das vivências.

O desafio é a no sentido de saber como direcionar a minha própria vida para dar a ela a forma mais bela (aos olhos dos outros, mas também para mim mesmo, bem como das gerações futuras, para os quais será possível servir de exemplo). É isso que eu tentei reconstruir: a afirmação e o desenvolvimento de certa prática de si mesmo, com o objetivo de constituir a si mesmo na qualidade de criação da minha própria vida (FOUCAULT, 1996, p. 431).

Toda cultura é um único e gigante órgão funcional da vivência.

A vida como exigência do sentido e da beleza à existência: “Quero viver no limite do possível” (J. Derrida, durante a última entrevista, alguns dias antes do falecimento). Vem à memória conceitos de autorrealização (C. Rogers), autorealização, vivências de pico (A. Maslow), individualização e o Eu (C. Jung), vivência do fluxo (M. Csikszentmihali), coragem de ser (P. Tillich), reverência à vida (A. Schweitzer); tudo isso em conjunto, ou em separado, esses autores consideram característico da saúde psicológica.

*Afirmamos que o alcance dessas ideias de existência psicológica somente é possível por meio de vivências de uma personalidade culturalmente munida e culturalmente produtiva.*

*Todas as pessoas têm a chance de ter esse tipo de qualidade de vida. A cultura nos oferece tudo que é necessário para esses ideais de vivência. Esse tipo de qualidade de vida é um objetivo da personalidade. Tanto a cultura, quanto os pais, pedagogos, psicólogos são somente a força atrativa. É da competência da personalidade, de sua escolha livre e de sua responsabilidade atender ou não a essa convocação a essa atração.*